

A IMPORTÂNCIA DOS DIAGNÓSTICOS DIFERENCIAIS DE DERMATOPATIAS FÚNGICAS EM FELINOS – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

NONNEMACHER, Andressa Ribeiro¹; PALMA, Heloisa Einloft²

Palavras- Chave: Dermatopatias. Fúngicas. Diagnóstico. Diferencial.

INTRODUÇÃO

O diagnóstico e tratamento das alterações cutâneas têm representado um grande componente da clínica de pequenos animais, sendo uma das causas mais frequentes de visitas ao consultório veterinário. De fato, as consultas na especialidade de dermatologia em pequenos animais representam entre 25 a 30% do total de consultas veterinárias, merecendo, cada vez mais, maior destaque na prática clínica diária (PINHO *et al.*, 2013). Nas últimas décadas, a utilização crescente de terapias imunossupressoras e o surgimento de infecções retrovirais, em humanos e animais, foram decisivas para a emergência de doenças oportunistas, sendo as doenças fúngicas uma das mais importantes. Além disso, algumas das infecções fúngicas são zoonoses e têm grande importância em saúde pública (REIS-GOMES *et al.*, 2013). O presente trabalho se propôs a realizar uma revisão bibliográfica com o objetivo de discutir sobre a importância dos diagnósticos diferenciais de dermatopatias fúngicas em felinos.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

As enfermidades cutâneas produzidas por fungos se situam em terceiro lugar na categoria de dermatopatias não neoplásicas, precedidas pelas dermatites alérgicas e parasitárias (LARSSON *et al.*, 1997). Destaca-se o caráter zoonótico associado à esporotricose e às dermatofitoses. A dermatofitose causada por *Microsporum canis* tem prevalência cada vez maior em humanos e a esporotricose têm prevalência alarmante na

¹ Acadêmica do Curso de Medicina Veterinária, UNICRUZ. E-mail: dedessa_nonnemacher@hotmail.com

² M.V. M.Sc. Docente de Clínica de Pequenos Animais, curso de Medicina Veterinária, UNICRUZ. E-mail: hpalma@unicruz.edu.br

região metropolitana do Rio de Janeiro. Estes dois agentes etiológicos têm grande importância em gatos (FERREIRO *et al.*, 2007).

As dermatofitoses dos carnívoros domésticos são infecções fúngicas superficiais. Trata-se de uma antropozoonose, com importância na saúde pública (BALDA *et al.*, 2004). Em casos raros ocorre a formação de pseudomicetomas que são mais comuns em gatos Persa, onde há invasão da derme profunda levando a ocorrência de nódulos de consistência firme a friável e de formato irregular, algumas vezes fistulados e com presença de grânulos (NOBRE *et al.*, 2010). Segundo Balda *et al.* (2004), na espécie felina, observa-se mais frequentemente alopecia; crostas melicéricas e hemorrágicas e escamas. São observadas, ainda, eritema, pápulas e hiperpigmentação. Essas lesões situam-se mais frequentemente, na região cefálica e no tronco dos felinos. O prurido está ausente na maioria dos felinos.

Conforme Neves (2015), os pelos e escamas de pele são implantados em tubos de ágar *Mycosel* para que ocorra o isolamento do fungo. O aspecto microscópico de *Microsporum canis*: hifas hialinas, presença de macroconídeos fusiformes de parede espessa e espiculados, com presença em seu interior de 7 a 9 compartimentos.

Outra importante doença fúngica vista especialmente em felinos é a esporotricose. Segundo Marques-Mello *et al.* (2014), a esporotricose é uma micose subcutânea causada pelo fungo *Sporothrix schenckii*, cujos relatos dos últimos anos trazem o gato doméstico como potencial transmissor para o ser humano e alertam sobre os riscos do ponto de vista de saúde pública. Os felinos domésticos, em especial machos não castrados semidomiciliados facilitam sua transmissão por meio de arranhaduras ou mordeduras, e ainda por solução de continuidade, devido suas lesões serem ricas em leveduras, diferentemente de outras espécies (BARROS *et al.*, 2012).

Após a inoculação de conídios na pele ou tecido subcutâneo, uma lesão primária desenvolve-se dentro de dias ou semanas no local de inoculação. A lesão começa como uma pápula, lentamente amplia e torna-se nodular, e muitas vezes ulcerada, a dor geralmente é leve (KAUFFMAN, 1999).

A citologia das lesões cutâneas é um meio comum de diagnóstico, já que as lesões dos felinos contêm grande quantidade de microrganismos, tornando o diagnóstico razoavelmente fácil (TABOADA, 2004).

O diagnóstico definitivo depende do isolamento do microrganismo a partir do local da infecção. O material pode ser obtido através de um esfregaço com “swab” estéril, ou aspirado de uma lesão cutânea ou ainda por biópsia (KAUFFMAN, 1999).

A realização de exames laboratoriais é importante no estabelecimento do diagnóstico definitivo para auxiliar na escolha da conduta terapêutica adequada, além de ressaltar a necessidade do diagnóstico diferencial com as dermatopatias causadas por outros microrganismos, distúrbios endócrinos, neoplásicos e outros (SANTIN, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada vez mais cresce o número de problemas dermatológicos em pequenos animais e é de suma importância que os médicos veterinários busquem o conhecimento sobre a área e realizem os exames complementares antes de começar a terapia. Deve-se fazer o diagnóstico definitivo e diferencial das doenças, pois as diferentes dermatopatias fúngicas possuem lesões muito semelhantes em felinos, sendo impossível diagnosticar apenas pelo histórico e exame clínico. Assim, se define a conduta terapêutica mais adequada para o paciente, evitando problemas, como efeitos colaterais causados pelo uso inadequado de antifúngicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALDA, A.C. et al. Estudo retrospectivo de casuística das dermatofitoses em cães e gatos atendidos no Serviço de Dermatologia da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo. **Acta Scientiae Veterinariae**, 32(2): 133 - 140, 2004.
- BARROS, M.S., et al. Esporotricose felina: primeiro relato de caso em Uberaba – Minas Gerais. **Vet. Not.**, Uberlândia, v.18, n. 2, p. 110-120, jul./dez, 2012.
- FERREIRO, L. et al. Feohifomicoses: infecções micóticas emergentes. Phaeohyphomycosis: an emerging animal fungal infection. **Acta Scientiae Veterinariae**, Porto Alegre, v. 35, p. s239-s241, 2007.
- KAUFFMAN, C. A. Sporotrichosis. **Clinical Infectious Diseases**. v. 29, p. 231-237, 1999.
- LARSSON, C.E. et al. Dermatofitoses de cães e gatos em São Paulo: estudo de possível influência sazonal. **Anais Brasileiros de Dermatologia**, Rio de Janeiro, v. 72, n. 2, p. 139-142, 1997.

- MARQUES-MELO, E. H. *et al.* Felino doméstico como agente transmissor de esporotricoses para humano - Relato do primeiro caso no estado de Alagoas. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v. 38, n. 2, p. 490-498, 2014.
- NEVES, J.J.A., Pesquisa de dermatófitos em pets e no ambiente domiciliar. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Patologia Ambiental e Experimental da Universidade Paulista – UNIP, 2015.
- NOBRE M.O. *et al.* Disease progression of dermatophytic pseudomycetoma in a Persian cat. **Revista Iberoamericana de Micologia**, 27(2):98-100, 2010.
- PINHO, R. *et al.* Dermatologia Veterinária em Animais de Companhia: (I) A pele e seus aspectos relevantes na prática clínica. Vol. 5 Nº 1-2: e2, 2013.
- REIS-GOMES, A. R. *et al.* Dermatopatias fúngicas: aspectos clínicos, diagnósticos e terapêuticos. **Acta Veterinaria Brasilica**, v. 6, n. 4, p. 272-284, 2013.
- SANTIN, R. *et al.* Diagnóstico de micoses em pequenos animais da cidade de Pelotas-RS e região. 2007.
- TABOADA, J. Micoses sistêmicas. In: ETTINGER, S. J.; FELDMAN, E. C. **Tratado de Medicina Interna Veterinária**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., v. 1, p. 478-503, 2004.